

Modalidade do trabalho: RELATO DE EXPERIÊNCIA
Eixo temático: AGROPECUÁRIA E AGROECOLOGIA

DOENÇA DO RIM POLICÍSTICO EM FELINO- RELATO DE CASO¹

Bruna Carolina Ulsenheimer², Simoní Janaína Ziegler³, Luciane Ribeiro Viana Martins⁴, Cristiane Elise Teichmann⁵, Luciana Mori Viero⁶, Cristiane Beck⁷

¹ Pesquisa Institucional desenvolvida no Departamento de Estudos Agrários, da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul-UNIJUI;

² Aluna do Curso de Graduação em Medicina Veterinária da UNIJUI, bru.brunna@hotmail.com;

³ Aluna do curso de Graduação em Medicina Veterinária da UNIJUI, e-mail: simoni.jz@hotmail.com;

⁴ Mestre do Departamento em Estudos Agrários, Professora do Curso de Medicina Veterinária da UNIJUI, luciane.viana@unijui.edu.br;

⁵ Mestre do Departamento em Estudos Agrários, Professora do Curso de Medicina Veterinária da UNIJUI, cristiane.teichmann@unijui.edu.br;

⁶ Doutora do Departamento em Estudos Agrários, Professora do Curso de Medicina Veterinária da UNIJUI, luciana.viero@unijui.edu.br;

⁷ Doutora do Departamento em Estudos Agrários, Professora do Curso de Medicina Veterinária da UNIJUI, cristiane.beck@unijui.edu.br;

Introdução

Os rins podem ser acometidos por diversas doenças não neoplásicas que determinam alterações de forma, tamanho, arquitetura, radiopacidade ou ecogenicidade, semelhantes às detectadas nas neoplasias (CARVALHO et al., 2016). A doença renal felina, comumente conhecida como a Síndrome dos Rins Policísticos em Felinos ou pela sigla PKD (Polycystic Kidney Disease), é uma doença genética, isto é, caracterizada pela ação de um determinado gene. Esta doença é uma condição hereditária autossômica dominante, de progressão lenta e irreversível (SILVA & MONTEIRO, 2015).

A doença renal policística é uma enfermidade congênita caracterizada pelo desenvolvimento de cistos renais que culminam com insuficiência renal crônica. Acomete diferentes raças de gatos, mas é particularmente prevalente na raça Persa e em linhagens aproximadas: Selkirk, Pelo Curto Britânico, Pelo Curto Americano, Scottish Fold (SILVA & MONTEIRO, 2015; SEILER, 2014). De acordo com relatos de Scalon, et al. (2014), dos casos de gatos positivos para PKD, 33% eram persas, sendo comprovado que esta doença está relacionada a um caráter hereditário autossômico dominante, nesta espécie.

Esta enfermidade caracteriza-se clinicamente pelo crescimento progressivo de cistos no parênquima renal, levando a compressão e ao comprometimento do mesmo, com consequente quadro de insuficiência renal, apresentando sinais clínicos semelhantes aos de gatos com doença renal crônica (SILVA & MONTEIRO, 2015).

Os cistos podem ser solitários ou múltiplos (policísticos), pode estar associada a lesões císticas em outros órgãos, mais notavelmente os rins (LIMA, 2006; KAHN, 2008). O tamanho dos cistos varia de milímetros até vários centímetros. Quanto à sua forma, são usualmente esféricos, de paredes finas e cercados por epitélio achatado, tendo líquido claro e seroso. Quando vista desde a superfície renal, a parede do cisto é cinza-pálida, lisa e translúcida

Modalidade do trabalho: RELATO DE EXPERIÊNCIA
Eixo temático: AGROPECUÁRIA E AGROECOLOGIA

(CARLTON; GAVIN, 1999).

Os rins policísticos contêm muitos cistos que comprometem numerosos néfrons de tal modo que o rim pode apresentar um aspecto de “queijo suíço”. À medida que os cistos aumentam de tamanho, comprimem o parênquima adjacente e a função renal pode ser prejudicada (CARLTON, GAVIN, 1999; FERREIRA et al., 2010; NEWMAN, 2013). Os sinais clínicos estão diretamente relacionados à evolução da doença e ao tamanho dos cistos. Na maioria dos casos, os sinais se iniciam por volta dos três a dez anos de idade, podendo se manifestar até mesmo em neonatos (SOUZA, 2003; SEILER, 2014).

O presente trabalho tem como objetivo, relatar os sinais clínicos e as lesões encontradas em um animal acometido pela doença dos rins policísticos.

Um felino fêmea, da raça Persa, com idade aproximada de 6 anos, pesando 2,9 kg foi atendido no Hospital Veterinário da Unijuí em Ijuí- RS, com a queixa principal de vômito e emagrecimento. Ao exame clínico, foi observado grau de 8% de desidratação, e o restante dos parâmetros fisiológicos sem alterações, como temperatura retal, frequência cardíaca, frequência respiratória e mucosas normocoradas, mas com rins aumentados de tamanho à palpação abdominal.

Foram realizados exames complementares: hemograma, bioquímico (uréia e creatinina), urinálise e ultrassonografia renal. O paciente foi encaminhado para internação com a prescrição de fluidoterapia e ranitidina como protetor de mucosa, até o resultado dos exames.

Resultados

Dentre os principais sinais clínicos, pode-se observar letargia, anorexia, vômito, polidipsia, poliúria, perda de peso e hematúria, relacionados com a insuficiência renal crônica. Se os cistos tornarem-se infectados, os animais poderão apresentar febre, piúria e leucocitose (BILLER, 1994). Neste caso, o paciente apresentou vômito de duas a três vezes por dia, emagrecimento, e não ingeria a dieta oferecida.

Ao exame físico, dependendo do estágio da doença, os rins palpados apresentam-se grandes e irregulares. O animal pode apresentar desidratação, mucosas pálidas e emaciação. Os sinais vão depender do grau de comprometimento do parênquima renal (BILLER, 1994; KAHN, 2008).

O diagnóstico da doença renal policística em gatos é realizado utilizando-se os sinais

Modalidade do trabalho: RELATO DE EXPERIÊNCIA
Eixo temático: AGROPECUÁRIA E AGROECOLOGIA

clínicos, achados laboratoriais, resultados de imagens obtidas por exame radiográfico, ultrassonográfico, tomografia computadorizada, urografia excretora e biópsia renal (BILLER, 1994; SEILER, 2014). Neste relato de caso, realizou-se a correlação dos sinais clínicos apresentados pelo paciente, com os exames laboratoriais de hemograma, bioquímico e urinálise, juntamente com o exame ultrassonográfico.

No hemograma do paciente, observou-se trombocitopenia e ao exame bioquímico revelou aumento dos valores na uréia (101 mg/dL) e creatinina (4,3 mg/dL). Na urinálise coletada por cistocentese, foi observada isostenúria, hematúria e leucocitúria. No exame bioquímico, foi constatado valores de ureia e creatinina aumentadas, confirmado por alguns autores que também descrevem a presença de azotemia como sendo uma característica da fase crônica da insuficiência renal (NELSON & COUTO, 2001).

Na urinálise, também foi observado por alguns autores baixa densidade urinária, sedimento inativo e proteinúria discreta a moderada (FERREIRA et al., 2010), neste caso apenas não foi encontrado proteinúria, o que deve ser acompanhado já que poderá ser um indicativo de evolução da enfermidade.

Ao exame ultrassonográfico, observou-se rim hipertrófico, com contorno alterado, presença de diversas estruturas anecóicas a hipocóicas, bem definidas e arredondadas em toda a extensão do parênquima renal, que se encontrava hiperecogênico, confirmando o diagnóstico de doença dos rins policísticos. Para Nyland et al. (2002), esta doença é facilmente diagnosticada por exame ultrassonográfico. Além de que o ultrassom é atualmente o método de melhor escolha para avaliar os rins e sua função (SEILER, 2014).

As imagens ultrassonográficas permitem localizar e diferenciar massas de cistos, mesmo quando se trata de estruturas muito pequenas, que não chegam a comprometer a arquitetura geral do rim (CARVALHO et al., 2016). No caso relatado as alterações renais verificadas no ultrassom, também são descritas por Thrall (2010), como características de gatos com PKD em estado avançado e normalmente associada à nefrite intersticial crônica.

Ainda não há um tratamento específico para esta doença irreversível (SILVA & MONTEIRO, 2015). Portanto, os animais devem ser tratados como insuficientes renais crônicos. Para o tratamento do paciente deste caso, foi instituído fluidoterapia, protetor de mucosa, além da utilização de rações terapêuticas, com baixo teor de proteína. Por se tratar de uma doença irreversível, o tratamento é paliativo, objetivando controlar os sinais clínicos e a progressão da doença. Deve ser feita a correção dos distúrbios eletrolíticos, ácido-básico e a uremia (LOPES et al., 2005), indo de encontro com o tratamento usado para o paciente em questão.

Modalidade do trabalho: RELATO DE EXPERIÊNCIA
Eixo temático: AGROPECUÁRIA E AGROECOLOGIA

Para Norworthy (2004) o prognóstico depende também do estágio de evolução da doença renal crônica, da resposta do paciente ao tratamento inicial e do desejo do proprietário em dar continuidade ao tratamento. Contudo, segundo Souza (2003), o prognóstico é ruim, uma vez que se relaciona diretamente com a presença e a gravidade da insuficiência renal crônica que é irreversível. Como forma de profilaxia para esta doença, Lyons et al. (2004) sugere, a eliminação da doença da população de gatos persas através da reprodução seletiva.

Conclusão

Desta maneira, é necessário bom senso da parte dos criadores comerciais e dos proprietários de gatos, para que todos os animais sejam diagnosticados e ao se constatar positivos para a doença, que sejam tomadas as devidas providencias para que seja realizada a esterilização permanente, antes que esse animal seja capaz de produzir descendentes. Pois animais acometidos pela doença renal policística, necessitam de diagnóstico precoce, principalmente através de exame ultrassonográfico e análises laboratoriais, como dosagem de ureia, creatinina e urinálise, já que esta é uma doença de caráter genético e que apresenta rápida evolução clínica. Quanto mais cedo efetuar o diagnóstico e realizar a identificação da patologia, possibilita ao paciente melhor qualidade de vida, podendo ser evitado que o animal desenvolva quadros graves de insuficiência renal.

Referências

- BILLER, D.S. Polycystic kidney disease. In: August, J.R. **Consultations in Feline Internal Medicine**. 2.ed. Philadelphia: WB Saunders, p.325-330, 1994.
- CARLTON, W.W.; GAVIN, M.D.M. Sistema Urinário. In: **Patologia Especial de Thomson**. 2.ed. São Paulo: Kidney International Artmed. p. 233-4, 1999.
- CARVALHO, M. B. et al. Neoplasias do Sistema Urinário. In: DALECK, C. R. e DE NARDI, A. B. **Oncologia em Cães e Gatos**. Ed: Roca - RJ, 2016. 2^a ed, cap 37, p 461 - 478.
- FERREIRA, G.S. et al. Atualização em doença renal policística felina. **Acta Vet. Brasilica**, v. 4, n. 4, p. 227-232, 2010.
- KAHN, C. M. Sistema Urinário. In: _____ **Manual Merck de Veterinária**. Ed: Roca - SP, 2008. 9^a ed. cap 13, p 1067 - 1100.
- LIMA, F.A. **Doença renal policística autossômica dominante em felinos**. Monografia.

Modalidade do trabalho: RELATO DE EXPERIÊNCIA
Eixo temático: AGROPECUÁRIA E AGROECOLOGIA

(Especialização em Clínica Médica de Pequenos Animais) - Universidade Castelo Branco. São Paulo, 2006.

LOPES, M.C.T. et al. Doença renal policística felina: Relato de caso. **Pub. Med. Vet. Zoot.** v. 9, n. 3, p.115-118, 2015.

LYONS, L.A. et al. Feline polycystic kidney disease mutation identified in PKD1. **J. Am. Soc. Nephrol.** v.15, n.10, p.2548-55, 2004.

NELSON, R.W.; COUTO, C.G. **Insuficiência Renal Crônica In: Medicina Interna de Pequenos a Animais.** 2^a edição. Editora Guanabara Koogan. Rio de Janeiro/RJ. p. 487-99, 2001.

NEWMAN, S. J. O Sistema Urinário. In: ZACHARY, J. F. e McGAVIN, M. D. **Bases da Patologia em Veterinária.** Ed: Elsevier - RJ, 2013. 5^a ed, cap 11, p 592 - 662.

NORSWORTHY, G.D. **Doença renal policística, o paciente felino.** São Paulo: Manole, 2004.

NYLAND, T.G. et al. Trato Urinário. **Ultra-som diagnóstico em pequenos animais.** 2.ed., São Paulo, Editora Roca. cap. 9, p. 161-183, 2002.

SEILER, G. S. Rins e Ureteres. In: THRALL, D. E. **Diagnóstico de Radiologia Veterinária.** Ed: Elsevier - RJ, 2014. 6^a ed, cap 38, p 705 - 725.

SCALON, M.C. et al. Touchdown polymerase chain reaction detection of polycystic kidney disease and laboratory findings in different cat populations. **Journ. vet.** v. 26, n. 4, p.542-546, 2014.

SILVA, L. J., & MONTEIRO, R. C. P. Doença Renal Policística em Felinos: Revisão de Literatura. **Uniciências,** v.19, n. 2, p. 181-185, 2016.

SOUZA, H.J.M. **Coletâneas em medicina e cirurgia felina.** Rio de Janeiro: L.F. Livros de Veterinária, 2003.

THRALL, D.E. **Sistema Urinário- Diagnóstico de Radiologia Veterinária.** Editora Elsevie. cap 10, p. 732-733, 2010.